



IRVING WALLACE

O FÃ-CLUBE

Tradução de Pinheiro de Lemos

Digitalização de Argonauta, "o tampa de crush"



Para todas as mulheres, e particularmente para uma chamada Sylvia.

Pouco me importa que digam que sou glamourosa e sexual. Mas o que isso acarreta pode ser muito incômodo... As pessoas supõem demais e esperam uma porção de coisas por muito pouco. Um símbolo de sexo se torna uma coisa. E acontece que eu detesto ser uma coisa.

MARILYN MONROE - 1962

Se não fosse a imaginação, meu caro, um homem seria tão feliz nos braços de uma criada de quarto quanto nos braços de uma duquesa.

DR. SAMUEL JOHNSON - 1778

Muitos homens levam vidas de silencioso desespero.

HENRY DAVID THOREAU - 1854

Primeiro ato

Um

Pouco passava do nascer do dia naquela manhã de junho — dez minutos depois das sete horas, de acordo com o relógio de pulso dele — e o sol continuava a subir pelo céu, aquecendo a vasta extensão dos edifícios e o longo trecho daquela região do sul da Califórnia.

Os dois amigos estavam deitados de braços no mato da beira do penhasco, ocultos, por uma longa sebe de arbustos, de qualquer pessoa que vivesse nas casas vizinhas ou entrasse na rua sem saída chamada Stone Canyon Road, no alto de um morro no bairro de luxo de Bel Air.

Ambos tinham binóculos aos olhos e esperavam.

Levantando mais o binóculo, além do objeto de sua vigilância, ele avistava claramente o Reservatório de Stone Canyon, com os vultos em miniatura de vários madrugadores que passeavam às margens do lago artificial. Baixando um pouco o binóculo, seguiu a faixa da Stone Canyon Road no ponto em que subia para o alto da elevação em Bel Air. Depois, pegou com o binóculo um relance de uma rua estreita e íngreme — devia ser Levico Way — que levava, segundo sabia, a um ponto sem saída onde ficava o portão de segurança que guardava a entrada da bem-fotografada propriedade da mulher.

Mais uma vez, observou com o binóculo o interior da propriedade, focalizando a escondida estrada asfaltada lá embaixo, o caminho que levava do portão trancado, entre grupos de grandes árvores e de um pomar, até a mansão palaciana no alto de uma gradativa elevação. Para ele, era tudo tão majestoso como sempre. Em outros tempos e outros lugares, só reis e rainhas viviam em tal esplendor. Nesta época e naquele lugar, as grandes casas e os palácios modernos estavam reservados para os muito ricos e os muito famosos. Não sabia de riquezas, mas tinha por certo que ninguém em Bel Air tinha mais fama, mais

renome mundial do que a dona daquela propriedade.

A parte ampliada da estrada de asfalto entre os olmos e os alamos ficou em foco, enquanto ele ansiosamente observava e esperava.

De repente, alguém se moveu no seu campo de visão. Estendeu a mão, batendo no ombro do companheiro.

— Kyle — disse ele, pressurosamente —, lá está ela. Pode vê-la entre as árvores?

O outro moveu um pouco o corpo e, depois de um breve intervalo, disse:

— É ela, sim. Bem na hora.

Ficaram então em silêncio, com os binóculos voltados focalizando-lhe sem parar o vulto pequeno e distante enquanto ela chegava ao fim de seu passeio habitual de cerca de quinhentos metros até o portão trancado. Continuaram a olhá-la enquanto se afastava do portão, parava, abaixava-se, afagava e então falava com o pequeno e irrequieto *terrier* Yorkshire que pulava atrás dela. Por fim, levantou-se e tomou rapidamente o caminho da grande mansão ao fim da entrada de automóveis. Daí a momentos, deixava de ser vista, escondida pelas cerradas árvores.

Adam Malone baixou o binóculo, rolou o corpo e guardou-o cuidadosamente no estojo preso ao seu largo cinto. Não precisaria mais dele para aquele fim. Fazia naquele dia exatamente um mês que aquela vigilância tinha começado. Encontrara aquele posto de observação e o usara pela primeira vez na manhã de 16 de maio. Estavam na manhã de 17 de junho. Tinha estado ali em cima, quase sempre só, mas de vez em quando com seu companheiro Kyle Shively, observando e marcando o tempo daquele passeio matinal durante vinte e quatro dos últimos trinta e dois dias. Aquela seria a última vez.

Olhou para Shively, que também tinha guardado seu binóculo e estava sentado limpando de gravetos e terra a camisa esporte listrada.

— Bem — disse Malone —, a coisa é essa.

— Sim — disse Shively —, tudo está pronto agora. — Passou a mão pelo bigode novo, arrogante e preto e lançou mais uma vez os olhos claros para o cenário lá embaixo. Curvou os lábios finos num sorriso retorcido de satisfação. — Sim, rapaz, estamos prontos. Podemos entrar em ação amanhã de manhã.

— Lá embaixo — murmurou Malone, ainda com um traço de assombro na voz.

— Claro que vai ser lá embaixo, amanhã de manhã, exatamente como planejamos.

Levantou-se de um salto, limpando os *blue jeans* surrados. Parecia sempre mais alto do que Malone esperava. Shively tinha quase dois metros de altura e em magro, ossudo e resistente. Não havia um só osso fora do lugar em seu corpo, pensou Malone enquanto o olhava. Shively curvou-se um pouco e estendeu a mão, ajudando Malone a levantar-se.

— Vamos, rapaz. Acabou-se essa história de ficar olhando. Chega de olhar e conversar. De agora em diante, é ação. — Concedeu um sorriso a Malone antes de encaminhar-se para o carro. — A partir deste minuto, a campanha começou. Nada de recuos, ouviu?

— Claro!

Enquanto se dirigiam para o carro, Adam Malone procurou infundir realidade ao projeto. Vivia-o havia tanto tempo em sua cabeça, como um sonho, um devaneio, um desejo, que era difícil aceitar o fato de que dentro de vinte e quatro horas tudo iria acontecer.

Uma vez mais, para poder acreditar, fez o que tinha feito com muita frequência naqueles últimos dias. Tentou concentrar os seus pensamentos no início e passar em revista, passo a passo, todo o processo de transformação graças ao qual a fantasia ia tornar-se realidade.

Segundo se lembrava, tudo tinha sido puro acaso, um encontro fortuito numa noite, havia apenas seis semanas, no confortável bar público do All-American Bowling Emporium, em Santa Monica. Olhando para o companheiro, teve vontade de saber se Shively se lembrava também...

Dois

Tudo havia começado entre dez e meia e onze e um quarto da noite de 5 de maio, segunda-feira. Nenhum dos quatro homens poderia esquecer. Kyle Shively não esqueceria certamente.

A noite não estava correndo bem para Shively. As dez e quarenta e cinco, estava mais furioso do que jamais estivera desde que chegara à Califórnia, vindo do Texas. Depois de esperar no restaurante, acabara por compreender que aquela garota rica e besta lhe dera o bolo. Saíra a fim de telefonar para ela e, depois do segundo telefonema, ficara a ponto de explodir.

Em seguida, Kyle Shively descera em plena ebulição o Wilshire Boulevard, em Santa Monica, a caminho do All-American Bowling Emporium todo iluminado de gás neon, e do Lantern Bar, que era o seu ponto habitual. Tinha esperança de que alguns drinques naquele oásis seriam capazes de acalmá-lo.

Shively podia suportar muitas coisas, menos ser tratado como um homem de segunda classe, ser passado para trás por uma mulherzinha metida a sebo que pensava que era melhor do que ele só porque tinha um marido montado no dinheiro. Ora, Shively tinha conhecido muitas dessas ricas. Desde que fora trabalhar como mecânico no posto de gasolina de Jack Nave, tivera um bom quinhão de ação. Nesse ponto, não havia queixas.

Na opinião de Shively, ele era um sujeito que se conhecia muito bem por dentro e por fora. Ninguém precisa de um psicólogo para saber disso. Só havia necessidade era de um pouco de bom senso, artigo que Shively sabia possuir de sobra. Talvez não fosse o que se chama um homem de muita instrução — abandonara o curso secundário em Lubbock, no Texas —, mas aprendera muita coisa na escola pura e simples da vida. Aprendera muito do trato com as pessoas naqueles dois anos em que servira na infantaria no Vietnam. Recolhera algumas boas noções sobre o mundo e sobre si mesmo, andando de carona através dos Estados Unidos. E desde que se instalara na Califórnia havia ficado ainda mais esperto.

Agora, aos trinta e quatro anos, sabia o que tinha importância, ao menos para ele. Quando se pensava bem, e ele tinha pensado, tudo se reduzia ao mínimo essencial. Só duas coisas interessavam: bebida e mulheres. Vangloriava-se de ter tido as duas coisas de sobra desde que fora trabalhar no posto de gasolina de Nave. Beber, ter o seu canto e sair — bem, ele dava um jeito de conseguir tudo isso com os cento e setenta e cinco dólares por semana que Jack Nave, aquele miserável, lhe pagava. Mas Shively sabia também que estava se tornando indispensável a Nave. O seu trabalho era rápido e bem-feito e ele tinha certeza de que não havia em Santa Monica melhor mecânico para consertar lonas de freios, fazer regulagens ou tratar de válvulas. Sabia muito bem que merecia mais que aqueles magros cento e setenta e cinco dólares por semana. E estava disposto a conseguir mais. Qualquer dia desses, ia assaltar o velho Nave com um pedido de aumento.

Shively tinha conversado com outros mecânicos por toda Los Angeles e havia apurado que o pagamento deles era estabelecido em quarenta e oito por cento do que era cobrado pelo trabalho do mecânico em cada carro. Isso queria dizer que se começava com aquilo que era cobrado ao freguês pelo conserto feito. Depois que o preço das peças era deduzido, dividia-se a bem dizer o resto da grana com o patrão. Havia alguns mecânicos que levavam para casa até trezentos dólares por semana. Shively sabia que era isso o que ele merecia, ia pedir e ia conseguir, por mais que o velho Nave chiasse e falasse em assalto. O resultado seria que a sua vida depois do trabalho, com a bebida e os divertimentos, seria mais fácil e de nível mais alto.

Quanto às mulheres, não havia problemas. Sobravam, especialmente quando se trabalhava num posto-garagem movimentado como aquele e se tinha o estilo e o físico necessários. De qualquer maneira, havia uma boa quantidade de oportunidades, embora nem sempre houvesse qualidade. Às vezes, conseguia-se até material de classe, de alta octanagem. O posto de Jack Nave atraía um bocado de fregueses de classe — donos de Cadillacs, de Continentais e de Mercedes —, e dessa maneira, todas as tardes, tinha-se contato com as mulheres desses fregueses ricos ou com suas jovens filhas, que estavam louquinhas para soltar-se numa boa sessão de cama.

Bem, tinha conseguido algumas dessas riquezas naqueles últimos meses. Tinha de reconhecer que a companhia delas lhe fazia bem. Estar com essas mulheres fazia com que se sentisse igual ou até superior a elas. Shively gostava de filosofar sobre isso, e era o que estava fazendo naquele momento em que se dirigia para o All-American. A verdade era que, quando a gente levava uma dessas grã-finas, tirava suas roupas e ela ficava nua estendida na cama, tudo o mais saía pela janela. Deixava de ser um mecânico de unhas sujas, que ganhava apenas cento e setenta e cinco dólares por semana. E a garota, com as roupas do Saks' e Magnin's jogadas no chão, com seu Cadillac, sua instrução universitária, sua casa de quinze peças e sua conta de meio milhão no banco, esquecia-se de tudo isso. Era apenas peitos e bunda e queria justamente o que o homem queria. Querer e fazer aquilo igualava tudo, e nada mais tinha a menor importância. Era o maior nivelador do mundo, o maior promotor de igualdade na terra, o membro de um homem. Uma boa vara rígida de vinte centímetros concorria mais para

promover a justiça social do que todos os grandes crânios do mundo.

E era isso o que o fazia ferver naquela noite, a injustiça de ser tratado como se não fosse suficientemente bom, nem igual ou merecedor.

Tinha conhecido aquela Kitty Bishop ia fazer um mês. Fora a primeira vez que a vira. O marido, Gilbert Bishop, era um dos fregueses regulares de Nave. Bishop levava em geral o novo Cadillac pessoalmente ou mandava um de seus empregados levar o Mercedes da mulher. Era um patife velho, com sessenta anos talvez, e Nave dizia que ele ganhava os seus milhões em negócios de imóveis. Cachorro. . .

De qualquer maneira, havia coisa de um mês, a mulher do velho Bishop aparecera pela primeira vez em carne e osso. velho estava ausente da cidade a negócios e ela, aquela Kit Bishop, estava dirigindo o seu Mercedes para a praia de Malibu quando o motor começara a rater e ela achara melhor passar pela garagem para que o velho Nave visse o que havia. Bem, o conhecimento que aquele velho cretino do Jack Nave tinha de automóveis começava e terminava no tanque de gasolina, e por isso passou a freguesa e o seu Mercedes para as mãos de Shively.

O mecânico saiu de trás da estante de lubrificante e viu-a sair do carro para falar com ele. Via e não podia acreditar que aquela fosse a mulher do velho Bishop. Devia ser uns trinta anos mais moça do que ele. E era um estouro de ruiva, ali de pé com a túnica entreaberta e o biquíni de pintinhas porque estava a caminho da praia, sorrindo para ele e explicando o que notara no carro. Shively escutava sem deixar de olhá-la, tomando nota dos seios pequenos, mas de pele boa e firme, e da bunda sensacional.

Daí a poucos minutos, estava com o capô levantado e examinava o distribuidor, ajustando o carburador e falando com ela sobre a necessidade de um breve reajuste. Durante todo o tempo, ela não tirou os olhos enquanto ele trabalhava e falava. Limitava-se a olhá-lo, fumando e sorrindo. Por fim, ficaram amigos e ele fez uma pilhéria a que ela respondeu com outra pilhéria. Quando Shively acabou o serviço, não tentou coisa alguma. Mas, depois que ela saiu, ficou pensando nela.

Uma semana depois, ela voltou à garagem com algum enguiço diferente no carro. Depois, mais duas vezes. Nessas ocasiões, quase não havia nada no carro, e Shively começou a ter certeza de que ela estava aparecendo principalmente para vê-lo. Por fim, naquela manhã de novo, ela chegou com uma blusa azul em cima do corpo e *short* bem justo da mesma fazenda. Sorriu e disse que alguma coisa estava batendo embaixo do carro, talvez fosse o cano de descarga. Ele deslizou então pelo chão a fim de examinar a parte inferior do carro. Quando acabou e ia saindo, olhou-a e teve certeza, quase certeza, de que ela estava olhando para o meio de suas calças.

Quando ele se levantou, pilheriam um pouco. Estava de pé ao lado dela e viu que o velho Nave não poderia ouvi-lo de onde estava. Decidiu-se então. Por que não? Mas, nesse momento, ela passou por ele, entrou no carro e fechou a porta. Shively correu prontamente para a porta e se curvou perto de sua cabeça, pois ela se havia inclinado para a frente a fim de torcer a chave de ignição.

Olhou diretamente para os olhos dela e disse:

— Para falar a verdade, gostei muito de conversar com a senhora.

Ela olhou-o do mesmo jeito e disse:

— Gostei também, Kyle.

— Seria bom que não ficasse só nisso e que eu pudesse conhecê-la melhor. Quer se encontrar comigo hoje às nove e meia da noite no Broken Drum para tomarmos um drinque?

— Não perde tempo com uma mulher, não é, Kyle?

— Não, quando se trata de uma mulher como a senhora. Estarei lá às nove e meia.

Ela ligou o carro em marcha à ré e começou a manobrar para sair.

— Certo — disse ela, ou coisa parecida, e saiu, deixando Shively convencido de que estava tudo resolvido.

Tinha passado o resto da tarde alegre e cantarolando. No intervalo de duas horas para o jantar, fizera algumas compras, fora depois ao seu apartamento para deixar as bebidas caras e arrumar tudo para a operação daquela noite. Voltara então para a garagem e trabalhara até as nove horas. Em seguida, tirara a graxa das mãos e dos braços com um preparado. Fizera a barba no banheiro dos homens com o barbeador elétrico que guardava ali para essas ocasiões, penteara os negros cabelos crespos e vestira roupas limpas.

Estava no Broken Drum, pronto e à espera de Kitty Bishop, às nove e meia em ponto.

Estava ainda no Broken Drum, pronto e à espera de Kitty Bishop, às dez e meia.

Ela nunca apareceu. Tinha lhe dado o bolo, a cachorra. Depois de deixá-lo todo aceso, fizera-o ficar ali à toa. Entendia muito bem o que ela estava querendo dizer. Ele devia saber o seu lugar e compreender que não era bom a ponto de chegar para ela. Diabo, ela também tinha de saber algumas coisas.

Saindo impetuosamente do restaurante, voltou correndo para a garagem. Nave estava ocupado na bomba de gasolina. Shively foi até o escritório de Nave e consultou o fichário. Copiou da ficha do velho Bishop o seu telefone de Holmby Hills num pedaço de papel. Saiu depois e foi até a cabina de telefone público do lado de fora.

Colocou a moeda e discou. Foi ela quem atendeu. A voz era fria, como se nada tivesse acontecido.

— Kitty? É Kyle! Que é que há? Esperei você mais de uma hora!

— Quem está falando?

— Kyle. Kyle Shively. Estive com você na garagem, lembra-se? Marcamos encontro para um drinque no Broken Drum.

Ela riu.

— Já sei quem é. Não está falando a sério, está?

Shively sentiu que tinha ficado lívido.

— Como é que não estou falando a sério? Convidei-a para um drinque esta noite e você disse que estava certo. Aceitou, portanto.

— Oh, isso é muito desagradável! Não compreendo, Sr. Shively. Não poderia de modo algum crer que eu me fosse encontrar com o senhor. Como foi capaz de meter isso na cabeça? Enganou-se, sem dúvida alguma!

— Que diabo! Não houve engano nenhum, fique sabendo!

— Não se atreva a gritar comigo! Tudo isso é muito ridículo! Vou desligar! Dizendo isso, bateu o telefone.

Fora de si, com raiva, Shively tornou a discar o número da sujeita.

No minuto em que ela atendeu, ele começou a falar atropeladamente.

— Escute, Kitty, você tem de ouvir o que eu tenho para dizer. Gamei por você desde a primeira vez que a vi e vi muito bem que gamou por mim também, quer você queira confessar isso, quer não. Agora, que mal há em que duas pessoas que se gostam tomem um drinque juntas? Por isso é que lhe estou dando outra chance...

— Outra chance? Que audácia a sua! Você nada é para mim senão um homem que consertou meu carro. Só e pronto. Quem é que está pensando que eu sou?

— Pensei que fosse uma mulher, mas agora estou vendo que é apenas uma dessas tipas baratas que excitam os homens só para se divertirem e depois...

— Não admito que me fale assim ou de qualquer outra maneira! Se insistir, garanto que se vai dar muito mal! Sou uma mulher casada e não saio com outros homens. Se saísse, não havia de ser com um sujeito grosso, de boca suja e de miolo de galinha como você. Estou lhe avisando para seu bem. Se me aborrecer ainda outra vez, falarei com meu marido e ele tomará providências para que você seja despedido!

E, dizendo isso, tornou a bater o telefone. Todo trêmulo, Shively desligou e saiu da cabina, furioso com a injustiça do que estava acontecendo, com o rude insulto à sua virilidade e ao seu orgulho da parte daquela cadela metida a besta. Antes de chegar ao passeio, a raiva de Shively se tornara muito ampla, abrangendo muito mais do que aquela cadela em particular.

Não eram apenas as chamadas mulheres de alta classe, aquelas sujeitas mimadas e suas atitudes para com os homens a quem julgavam seus inferiores, que estragavam o mundo. O que estava errado era todo o sistema das classes. Shively nada sabia de política e se interessava ainda menos por isso, mas podia dizer melhor do que qualquer político o que havia de errado com o mundo. O mal de tudo era que havia um punhado que tinha dinheiro demais e o resto do mundo que não tinha quase nada. O ruim era que os ricos ficavam cada vez mais ricos — mais ricos em dinheiro e mais ricos em mulheres, pois pegavam o que havia de melhor — e os restos ficavam para o resto do mundo, para os Shivelys que não podiam passar para o outro lado e tinham de se contentar com as migalhas e ficar muito satisfeitos com o material feminino já batido e de qualidade inferior.

Diabo!

Tinha chegado às portas de vidro do All-American Bowling Emporium. Viu uma parte das trinta e duas canchas, todas ocupadas. No alto, em colocação proeminente estava um cartaz de vidro com as letras "Lantern Bar — coquetéis" iluminadas e uma flecha vermelha que apontava para a direita.

Graças a Deus, ainda havia alguns prazeres na vida. Três ou quatro cervejas e talvez ele se sentisse melhor.

Kyle Shively tomou o caminho do bar.

Dentro da sala dos coquetéis, Adam Malone estava reclinado indolente na poltrona de couro, com os olhos fitos sonhadoramente na vela que tremeluzia dentro da lanterna vermelha em sua mesa. Desenhava distraidamente no pequeno bloco amarelo que sempre o acompanhava, mesmo quando ia trabalhar. Durante o seu segundo ano do pré-universitário, na aula de literatura inglesa, tinha ouvido um professor dizer que muitos escritores famosos tinham o hábito de tomar notas, pois poderiam ter uma inspiração de momento ou observar alguma coisa que poderiam utilizar mais tarde numa história. Henry James e Ernest Hemingway eram assim. Tomavam sempre nota de tudo o que pensavam ou viam. Daí em diante, fazia já seis anos que Adam Malone nunca deixava de levar no bolso um pequeno bloco e uma caneta.

Em geral, Malone não freqüentava bares. Não gostava muito de beber. Bebia um pouco em ocasiões sociais e, às vezes, sozinho em seu quarto, tomava um pouco de vinho ou uma dose de Jack Daniels, porque tinha lido que o álcool, quando não era consumido em excesso, podia estimular a imaginação.

A maior parte dos escritores americanos que tinham recebido o prêmio Nobel — Sinclair Lewis, Ernest Hemingway, William Faulkner — bebiam, e evidentemente a bebida estimulava ao invés de diminuir-lhes o poder criador. Mas, na verdade, Malone sabia que não havia necessidade de uísque para estimular-lhe a imaginação. Não tinha dificuldade em arquitetar coisas na cabeça, em inventar, projetar e dramatizar. Quase não havia uma hora do dia que passasse acordado sem que se surpreendesse devaneando sobre isto ou aquilo. O mais difícil era captar todas essas fantasias e transportá-las para o papel de maneira coerente e interessante. A colocação do preto no branco, tal como gostava de dizer Maupassant, é que era o problema.

Não, ele não fora ao bar para beber, embora tivesse um uísque inacabado à sua frente. Fora para ali naquela noite porque não lhe agradava a idéia de ficar sozinho em seu quarto, já conhecia quase todos os velhos filmes que estavam passando na televisão, tudo o que estavam levando de melhor nos cinemas do bairro, e não tinha dinheiro suficiente para ver os novos filmes estreados. Além disso, de vez em quando, como naquela noite, tinha um sentimento de culpa em passar tanto do seu tempo de folga no quarto, metido entre quatro paredes e vivendo exclusivamente dentro de sua cabeça. Um escritor devia sair, ver coisas, misturar-se com os outros e ganhar experiência. Um bar era um excelente cadinho, um bom cenário para conhecer casualmente estranhos ou observar a vida. Gostaria apenas de que deixassem aqueles que quisessem, como ele, fumar a erva abertamente. Algumas boas tragadas seriam bem mais agradáveis do que aquele horrível uísque que estava bebericando.

Malone entrara no boliche e chegara ao bar meia hora antes porque o lugar lhe parecera movimentado e cheio de gente e também porque já estivera ali duas ou três vezes antes, o que tornava o ambiente conhecido. Havia preferido uma mesa perto do balcão porque a vontade dele naquela noite era observar mais que ser envolvido, e durante algum tempo observou os fregueses que entravam e saíam, principalmente homens mais velhos que ele (o que significava com mais de vinte e seis anos), e alguns casais que entravam, de braços dados, conversando em voz baixa, rindo, e alguns deles trocando um pouco os passos.

Cansando-se disso, Malone retirou-se para dentro de si mesmo e começou a trabalhar na estrutura de um conto que pretendia escrever. Mas dentro em pouco o seu espírito se desviou e ele ficou olhando para a chama da vela que ardia dentro da pequena lanterna vermelha, como se estivesse hipnotizado. Consciente então de quanto se havia desviado, fez um esforço para retomar o interesse na atividade circundante. Levantou o corpo na cadeira, tomou um gole de Jack Daniels e correu os olhos pela sala obscurecida. A iluminação era indireta e, por isso, mortiça. Tirou os olhos de um rapaz e de uma moça que estavam lendo a lista dos discos da vitrola automática. Era um bar grande, talvez com uns dez metros de comprimento. Malone notou que os bancos do balcão, que estavam vazios quando chegara, estavam todos ocupados, à exceção de um. O que estava desocupado era justamente o mais próximo. Malone ficou indeciso, sem saber se devia deixar a sua mesa e ir com o copo para o banco desocupado. No momento em que chegou a uma decisão favorável à transferência, um homem alto e musculoso, com um rosto comprido, magro e zangado, entrou no bar em grandes passadas e parou entre Malone e o banco vazio. Com um jeito de proprietário, o recém-chegado fez girar o assento do banco, sentou-se e rodou o banco para o balcão.

O intruso no banco de Malone estalou os dedos a fim de chamar a atenção do velho homem do bar, um preto amistoso e eficiente, de testa alta e crespo cabelo algodoado, que atendeu sem demora.

— Como está esta noite, Sr. Shively?

— Olá, Ein.

Malone sabia desde a sua última visita ao bar que o "Ein" era uma abreviatura do apelido do *barman*, Einstein, em vista de sua capacidade de resolver os problemas de qualquer freguês, por mais complexos que fossem. O recém-chegado chamado Shively continuou:

— Se quer mesmo saber, estou na fossa hoje.

— Temos uma porção de remédios para isso, Sr. Shively. Que é que vai querer?

— Gostaria era de uma mulher, mas me contento com uma cerveja bem gelada.

Na sua mesa, Malone parou de fazer desenhos no bloco. Aquele Shively era um tipo. Virou a página do bloco. As últimas palavras do homem não eram de desprezar. Hesitou, pensando que talvez Henry James não tomasse nota daquilo. Era duvidoso, mas apesar de tudo começou a escrever.

Shively estava curvado sobre o balcão, esperando outro canecão. Quando chegou, aspirou barulhentemente a espuma no alto, tomou um grande gole e ficou afinal pronto a discutir os seus infortúnios com quem estivesse disposto a escutar.

Olhou para o homem sentado no banco à sua direita. As perspectivas não eram muito promissoras. Era um tipo mofado de homem de negócios idoso, calvo, com uma estreita franja de cabelos brancos, óculos de aros de metal num nariz pontudo, boca afetada, peito estofado, camisa branca e gravata borboleta. Um agente funerário, sem dúvida, pensou Shively, com aquele rosto gordo e aquele jeito de quem está habituado a perder. Mas, que diabo! Era sempre alguém

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

